

Uma resposta aos novos paradigmas, novos desafios intermediáticos e multimodais: A Crítica Genética Inclusiva praticada pelo Grupo PRO.SOM

Sílvia Maria Guerra Anastácio ¹

Considerações iniciais: Escutando Antonio Candido

DESEJAMOS DIALOGAR, INICIALMENTE, COM O ENSAIO DE ANTONIO CANDIDO, “O direito à literatura”², em que o autor defende que “[...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura.” Para o autor, “[...] uma sociedade justa pressupõe o respeito [...] à fruição da arte e da literatura em todas as suas modalidades e em todos os níveis, [...] um direito inalienável”³ de cada ser humano.

Segundo Candido:

[...] literatura, da maneira mais ampla possível, [são] todas as criações de toque político, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura. [...] não há homem que possa viver sem ela [...], isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie da fabulação.⁴

Ora, se ninguém pode passar [...] sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura [...] parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.⁵

[...] é o sonho acordado das civilizações. [...] é fator indispensável da humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.

Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, *enquanto construção*.⁶

Entendo aqui por *humanização* [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.⁷

Ora, tomando como pressuposto a necessidade universal e humanizadora desta ampla noção de literatura, pensamos ser possível alargar a perspectiva de Candido e discutir o direito de acesso do ser humano à arte, ou à informação, de um modo geral, que é “[...] o sonho acordado

¹ Universidade Federal da Bahia. Contato: srganastacio10@gmail.com

² CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011 [1988], p. 169-191.

³ *Ibidem*, p. 191.

⁴ *Ibidem*, p. 174.

⁵ *Ibidem*, p. 175.

⁶ *Ibidem*, p. 177.

⁷ *Ibidem*, p. 180.

das civilizações”⁸. Afinal, todos devem poder usufruir desse bem maior e sublime, que é a arte, que é o acesso ao saber.

Neste sentido, a tradução audiovisual tem dado uma contribuição ímpar para facilitar o acesso à informação. Díaz-Cintas⁹ explica que o meio audiovisual prevê a presença de um sinal acústico e de um visual, não importa se transmitidos via tela (com transmissão ao vivo ou não), ou mesmo em um palco (neste caso, ao vivo). Dentre as suas modalidades, destacam-se: legendagem, dublagem, *voice-over*, audiodescrição e janela de Libras.

O fato é que as traduções de toda natureza ou categorizadas das mais diversas formas, sejam elas audiovisuais, interlingual (de uma língua a outra), intralingual (dentro da mesma língua, como a paráfrase) ou intersemióticas (de um sistema sógnico ou semiótico a outro), ou ainda, intermediáticas (transposição de uma mídia a outra), destacam-se como formas de acessibilidade. Neste leque de estudos acessíveis, ressaltamos os audiolivros como recursos importantes para a divulgação de todo tipo de informação, sobretudo as obras literárias roteirizadas e adaptadas para o meio acústico.

As mídias sonoras não apenas estão voltadas para todos os que se interessam em obter conhecimentos de modo a otimizar o seu tempo, escutando-as enquanto realizam outras atividades do dia-a-dia, como também para, como um nicho privilegiado, as pessoas que têm algum tipo de deficiência visual, ou ainda para aquelas que apresentam problemas de letramento. Entende-se por letramento a capacidade de ler e escrever de modo crítico, compreendendo a linguagem como prática social, que dá aos sujeitos a possibilidade de interagir com o Outro¹⁰.

Interessa incluir, finalmente, nesse leque de estudos de acessibilidade, as bibliotecas digitais, que, em rede, permitem aos usuários trilharem seus próprios caminhos na busca de conhecimento. Lévy¹¹ investiga os impactos e desdobramentos das tecnologias digitais para a formação do indivíduo na época contemporânea, discutindo como a emergência do cyberspaço influi na virtualização desse saber compartilhado e de forte potencial interativo. Para ele, “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”¹².

Toda postura acessível está afinada com o paradigma contemporâneo. A noção de paradigma, defendida pelo cientista Thomas Kuhn¹³ pode ser entendida como formas de interpretações de mundo “[...] universalmente reconhecidas, que [...] fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade científica”¹⁴. Trata-se, na verdade, de uma rede de conceitos compartilhados aos quais os cientistas podem ou não aderir, e, segundo Kuhn, há “[...] uma contínua competição entre diversas concepções de naturezas distintas”¹⁵.

⁸ Ibidem, p. 177.

⁹ DÍAZ-CINTAS, J. Audiovisual Translation Today: a question of accessibility for all. *Translating Today*, v. 4, p. 3-5, jul. Disponível em: https://www.academia.edu/22558399/2005_Audiovisual_translation_today_a_question_of_accessibility_for_all. Acesso em: 19 maio 2019.

¹⁰ SOARES, M. *O que é letramento e alfabetização*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

¹¹ LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2009.

¹² Ibidem, p. 47.

¹³ KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

¹⁴ Ibidem, p. 13.

¹⁵ Ibidem, p. 22.

O Paradigma Contemporâneo do Estado Democrático de Direito¹⁶ defende que os valores e as necessidades dos cidadãos devem

[...] ser, de algum modo satisfeitos, sem comprometer as liberdades fundamentais de escolha [...]. E mais do que isso, reconhecidos como direitos, se incorporem ao exercício da cidadania. O Estado Democrático de Direito [...] possibilita [...] o espaço social, a arena, onde esses interesses e necessidades se manifestam e podem ser eficazmente contemplados.¹⁷

É nessa perspectiva que se coloca a Crítica Genética Inclusiva que passamos a discutir e cujos desdobramentos são reflexos de uma abordagem política comprometida com a acessibilidade, com o compartilhamento dos mais diversos processos, bem como de conhecimentos, em um espaço em que os conceitos de rede e de criação coletiva ocupam uma posição fundamental¹⁸.

Práticas de uma Crítica Genética Inclusiva: A criação de audiolivros

O conceito de Crítica Genética Inclusiva foi utilizado pela primeira vez em 2009, em um projeto investigativo da especialista em Educação Especial Patrícia Silva de Jesus, que se propôs a discutir uma “Crítica Genética de Processos Assistivos”. Esta semente fértil germinaria, de várias maneiras, nas pesquisas realizadas em um grupo de pesquisa interessado, dentre outras vertentes, no processo de criação de mídias sonoras.

O Grupo de Pesquisa Tradução, Processo de Criação e Mídias Sonoras (PRO.SOM): Estudos de Tradução Interlingual e Interartes tem atuado ativamente no processo de criação de mídias sonoras, buscando como foco promover a acessibilidade e tornar disponíveis estudos dos mais diversos processos. Trata-se, também, de um campo de investigação que privilegia processos de inclusão direcionados a pessoas com deficiência, tendo os dossiês analisados sob uma perspectiva humanística, social e ética de amplo espectro.

Os dossiês genéticos são, em sua maioria, compostos por registros de natureza digital, considerando-se que muitos dos programas utilizados permitem manipulações eletroacústicas, estereofônicas e técnicas de múltiplas ordens. O que se tem como objeto de investigação, nesses dossiês, são textos complexos, muitos deles com características multimodais, em que os códigos semióticos de natureza verbal, visual, acústica, olfativa, gestual e tátil podem ser lidos das formas mais dinâmicas e abertas possíveis, dependendo do contexto em que forem interpretados.

As bases da Semiótica Peirceana são de grande utilidade no agenciamento dessas interpretações, em que os efeitos ou interpretantes dos signos sobre o fruidor costumam gerar sensações e impressões das mais diversas a partir dos índices deixados nos textos. Na análise dos dossiês genéticos, esses registros são postos em diálogo mútuo, desdobrando-se como nós de uma rede ou trama semiótica. Os índices, após coletados, organizados e descritos, são interpretados sob perspectivas culturais e históricas, acionando-se, em especial, as diretrizes da

¹⁶ MOTA, M. O Paradigma Contemporâneo do Estado Democrático de Direito: Pós Positivismo e Judicialização da Política. *Revista Quaestio Iuris*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 286-309, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/quaestioiuris/article/view/9879>. Acesso em: 31 dez. 2018.

¹⁷ *Ibidem*, p. 286.

¹⁸ SALLES, C. *Redes da criação*. São Paulo: Horizonte, 2008.

PARENTE, A. (Org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

Semiótica Social, que valoriza os contextos cultural e histórico da obra que se deseja investigar¹⁹. Com base nesse conceito de Crítica Genética, cabe incluir, a título de ilustração, uma pequena amostra dos trabalhos que têm sido desenvolvidos pela equipe dentro da abordagem proposta.

No que concerne ao acesso a manuscritos literários, os pesquisadores têm trabalhado sob uma perspectiva da Crítica Genética retrospectiva – que investiga manuscritos de obras tidas como finalizadas – ao objetivar a construção de uma Biblioteca Virtual onde são arquivados manuscritos da escritora norte-americana Elizabeth Bishop (1911-1979). Esses documentos encontram-se disponíveis no Acervo Bishop, que contém vasto material crítico sobre a autora, além de cópias de manuscritos de textos em prosa, poesia, correspondência, notas de diário, recortes de jornais e revistas e, ainda, material fotográfico, vídeos e registros em áudio. Nesse acervo, inclusive, há uma coleção de cartas recentemente publicadas, que compõem a correspondência de Elizabeth Bishop com sua companheira norte-americana, Alice Methfessel, a qual herdou a propriedade intelectual da escritora e, portanto, detém os direitos autorais *copyrights* das obras publicadas ou a publicar. A maioria desses documentos encontra-se na *Special Collection* de *Vassar College*, Poughkeepsie, Nova York e na Biblioteca da *Harvard University*, Massachusetts. Os pesquisadores interessados podem acessar o acervo por meio de senha, através de contato com a curadoria, por meio do *site* do Grupo PRO.SOM²⁰.

Outra forma de dar acessibilidade e, conseqüentemente, visibilidade à criação de Elizabeth Bishop foi investigar o processo genético de transposição para o palco da peça da jornalista Marta Góes, *Um porto para Elizabeth Bishop* (2001). O texto literário de Góes ficcionaliza a vida de Elizabeth Bishop, desde a sua chegada ao Brasil até a volta definitiva aos Estados Unidos, cerca de quase vinte anos depois. Na dissertação de mestrado “O processo de criação de *Um porto para Elizabeth Bishop*, de Marta Góes: proposta de uma Edição Genética”, a pesquisadora Raquel Borges Dias²¹, dentro da linha da Crítica Genética Retrospectiva, teve como objetivo transcrever, organizar e analisar o caderno de notas usado por Marta Góes para escrever o monólogo, que viria a ser encenado. Como a peça traz trechos extraídos literalmente da correspondência de Bishop, o dossiê genético foi analisado levando em conta, dentre outros aspectos, questões relacionadas à ficcionalização, citação²² e apropriação dessas cartas para o texto dramático. As discussões suscitadas pela escritura da dissertação foram ricas e debatidas, inclusive, com a própria Regina Braga, que esteve presente na defesa.

Ainda na trilha da obra de Elizabeth Bishop, está sendo investigado o processo de adaptação de um romance publicado em 1995 para um filme lançado em 2013, cujo tema é a relação entre Bishop e sua companheira brasileira, Lota Macedo Soares. O projeto de tese da integrante do Grupo PRO.SOM, a pesquisadora Rosana Amorim, intitula-se *Flores raras e banalíssimas*, romance de Carmen L. Oliveira, revisitado no filme de Bruno Barreto, *Flores raras*. Como ela conseguiu de Bruno Barreto os roteiros do filme, esse processo – dentro de uma Crítica Genética Retrospectiva – é o tema de sua investigação, e o dossiê genético em questão está sendo analisado sob a vertente dos estudos intermediários²³ sobre adaptação²⁴ e roteirização²⁵.

¹⁹ SANTAELLA, L. Epistemologia Semiótica. *Cognitio*. Revista de Filosofia, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 93-110, 2008.

²⁰ Favor consultar o site <http://www.intervozes.com.br> para maiores informações sobre o acervo Bishop.

²¹ DIAS, R. B. *O processo de criação da peça Um Porto para Elizabeth Bishop*. 135f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

²² COMPAGNON, A. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996.

²³ CLÜVER, C. Intermedialidade. *Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes*, v. 1, p. 8-23, 2008.

²⁴ SEGER, L. *A arte da adaptação*. São Paulo: Bossa Nova Editora, 2007.

²⁵ MACIEL, L. C. *O poder do clímax*. Fundamentos do roteiro de cinema e TV. São Paulo: Giostri, 2017.

Já no espectro da Crítica Genética Prospectiva – uma vez que a pesquisadora acompanhou os processos quando ocorriam, “ao vivo e a cores”, ao mesmo tempo em que colhia os índices das gêneses em questão –, é relevante citar investigações desenvolvidas pela Dra. Sirlene Góes: a primeira, sua dissertação de mestrado, “Legendando *Raccoon & Crawfish*: proposta de estudo do processo criativo de uma legendagem fílmica e de edição genética” (2013)²⁶; e a segunda, a tese de doutorado, “Estudo do processo criativo da tradução e interpretação em janela de Libras da animação fílmica *Raccoon & Crawfish*: percorrendo caminhos digitais”²⁷.

Ambos os trabalhos contemplaram modalidades de processos de traduções audiovisuais para atender, em especial, às necessidades de pessoas com algum tipo de deficiência, no caso, os surdos ou ensurdecidos. Textos críticos sobre todas as formas de tradução audiovisual foram discutidos nesses trabalhos, especialmente a legendagem e a janela de Libras, sendo especificadas várias questões técnicas, critérios utilizados, programas, tipos de documentos digitais e como armazená-los, leis sobre direitos humanos, políticas de inclusão, dentre outros aspectos. Textos críticos sobre tradução visual e acessibilidade²⁸ nortearam esse trabalho.

Outro trabalho de doutorado do Grupo PRO.SOM, também de ordem prospectiva e que contempla pessoas com deficiência – desta vez, deficiência visual –, é o da pesquisadora Adriana da Paixão Santos, denominado “Recriação da identidade do cego congênito a partir da percepção das cores”²⁹. Tem-se como crença que o cego congênito pode conseguir usar os sentidos remanescentes para reorganizar seus conhecimentos de mundo e se tornar um sujeito mais autônomo a partir de mudanças na sua percepção de mundo. Um dossiê genético está sendo montado com documentos colhidos através de uma pesquisa narrativa autobiográfica³⁰ e levando em conta aspectos psicoevolutivos/educativos relacionados à deficiência visual³¹. Os registros são relatos orais gravados e transcritos após a aplicação de questionários semiestruturados e entrevistas. O desafio proposto nesta investigação é usar os recursos das metáforas, símiles e sensações sinestésicas para ajudar o cego congênito a perceber as cores. Para colher esses dados, a pesquisadora utilizou o recurso da audiodescrição para transformar imagens em palavras no contato com o seu público alvo.

²⁶ GÓES, S. R. *Legendando Raccoon & Crawfish*: proposta de estudo do processo criativo de uma legendagem fílmica e de edição genética. 128f. + 1 DVD. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

²⁷ GÓES, S. R. *Estudo do processo criativo da tradução e interpretação em janela de Libras da animação fílmica Raccoon & Crawfish*: percorrendo caminhos digitais. 280f. + 1 DVD. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

²⁸ FRANCO, E. Voiced-over television documentaries: terminological and conceptual issues for their research. *Target*, v. 13:2, p. 289-304. Disponível em: <https://benjamins.com/online/target/articles/target.13.2.05fra>. Acesso em: 19 maio 2019.

FRANCO, E.; ARAÚJO, V. Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual (TAV). *Tradução em revista*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

GAMBIER, Y; GOTTLIEB, H. (Org.). *(Multi) Media translation concepts, practices and research*. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

²⁹ SANTOS, A. P. *Recriação da identidade do cego congênito a partir da percepção das cores*. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018 (em andamento).

³⁰ BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa*. Experiência e História em Pesquisa Qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2015.

³¹ MARTÍN, M. B.; BUENO, S. T. (Coord.). *Deficiência Visual*. Aspectos Psicoevolutivos e Educativos. Trad. Magali de Lourdes Pedro. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2003.

Essas foram apenas algumas teses e dissertações que ilustram as modalidades de Crítica Genética Inclusiva em que o grupo tem investido, mas há uma gama de outros trabalhos relevantes e relacionados a estudos de processos de criação dos mais diversos, que podem ser encontrados nos *links* dos pesquisadores cadastrados em nosso *site*.

Finalmente, chegamos ao recurso de acessibilidade em que o Grupo PRO.SOM tem investido mais durante os últimos anos: a criação de audiolivros, quer roteirizados a partir de textos informativos e literários escritos em língua portuguesa ou com base em traduções interlinguais. É relevante fazer especial menção ao trabalho dos consultores do Grupo PRO.SOM Ednilson Sacramento, que trabalha na área de Comunicação e é formado em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia, e Evangel Vale, que estudou Gestão em Recursos Humanos e está cursando Bacharelado Interdisciplinar em Artes da Universidade Federal da Bahia. Ambos são pessoas com deficiência visual, de grande sensibilidade e apurado senso crítico, que têm sido os primeiros receptores dos audiolivros produzidos pelos integrantes do PRO.SOM e que informam aspectos técnicos e de interpretação que precisam ser ajustados. Nesse controle de qualidade, destaca-se, ainda, André Tiganá, músico, técnico de som, formado também em Economia, que tem feito a masterização final de todos os audiolivros publicados, garantindo, assim, o controle de qualidade deles.

Após a apresentação do panorama dos trabalhos que vêm sendo realizados, é relevante marcar que o primeiro audiolivro produzido, *Na vila*³², 2011, gravado pelo ator baiano Gideon Rosa, foi uma tradução do conto poético de Elizabeth Bishop, *In the village* (publicado pela primeira vez em 1965)³³, que ficcionaliza a sua infância na Nova Escócia. Os manuscritos desse conto encontram-se no Acervo Bishop, e ele foi gravado como homenagem à obra de uma autora a quem a proponente deste artigo tem dedicado grande parte dos estudos da sua trajetória acadêmica. Nada mais justo que tornar essa obra acessível em audiolivro.

Nesse mesmo ano, foi gravado um audiolivro sobre a temática da cegueira como resultado da tese de doutorado da Profa. Dra. Lucia Terezinha Zanato Tureck³⁴, intitulada “Criação de um audiolivro e a temática da acessibilidade”³⁵. Os contos *A cega e a negra, uma fábula* de Miriam Alves³⁶ e *A terra dos cegos* de H. G. Wells³⁷ (traduzido pelo Grupo PRO.SOM) foram relatos que renderam ricos debates sobre a questão da deficiência visual. A tese de doutorado em Teoria e Crítica da Literatura e da Cultura, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, foi defendida em 2014, na UNIOESTE, Cascavel, Paraná, como resultado de trabalhos de pesquisa desenvolvidos com a parceria das duas instituições.

O argumento desenvolvido por Tureck partiu da seguinte reflexão de Borges:

A cegueira foi definida por Jorge Luis Borges “como um modo de vida: é um estilo de vida dos homens”, conforme cita a antropóloga Debora Diniz (2007, p.

³² BISHOP, E. *Na Vila*. Tradução de Sílvia Anastácio, Sandra Corrêa e Andréa Gomes. Salvador: EDUFBA, 2011.

³³ BISHOP, E. *In the village*. In: _____. *Questions of travel*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1965.

³⁴ TURECK, L. T. Z.; ROSA, G.; ANASTÁCIO, S. (Org.) *Uma luz na escuridão*. Salvador: EDUFBA, 2011.

³⁵ TURECK, L. T. Z. *Criação de um audiolivro e a temática da acessibilidade*. 192f. + 4 DVD-ROM + 1 CD-ROM. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Teoria e Crítica da Literatura e da Cultura. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

³⁶ ALVES, M. *A cega e a negra. Uma fábula*. In: RIBEIRO, E.; BARBOSA, M.T. (Org.). *Cadernos negros. Três décadas: ensaios, poemas, contos*. São Paulo: Quilombohoje. Secretaria Especial de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial, 2008, p. 223-226.

³⁷ WELLS, H. G. *A terra dos cegos*. In: TURECK, L. T. Z.; ROSA, G.; ANASTÁCIO, S. (Org.) *Uma luz na escuridão*. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 19-61.

7). Definição instigante porque nos leva a pensar para além da questão do órgão da visão, pois, quando há uma deficiência nessa área, não se pode negar que tal condição traz consequências socialmente marcadas para os sujeitos que a enfrentam³⁸.

A tese reflete sobre a condição da deficiência visual, os preconceitos a ela relacionados, juntamente com as limitações impostas ao indivíduo por falta de uma política de inclusão mais efetiva. Tomando como base as ideias de Borges sobre o tema, bem como de Vygotsky em *Fundamentos da defectologia*³⁹, ou a partir das vivências relatadas nos contos do audiolivro em análise, tem-se uma ampla perspectiva da cegueira e da questão da inclusão.

Portanto, os temas da deficiência e inclusão têm perpassado, insistentemente, os caminhos do PRO.SOM, em especial através dos audiolivros publicados, até então, em sua maioria, adaptações de textos literários. Quanto aos autores de língua inglesa traduzidos, que constituem a maioria deles, são escritores dos Estados Unidos, da Inglaterra, do Canadá, da Noruega, da África do Sul, da Nigéria e da Escócia. Recomenda-se que, para acompanhar as publicações atualizadas do PRO.SOM, consulte-se o *site* do Grupo de Pesquisa.

Ainda na esteira da Crítica Genética Inclusiva, a dissertação de mestrado da pesquisadora da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, Mirela Dornelles Gonzalez Paz, também segue este viés ao propor analisar “A cartilha *Três vivas para o bebê!!!* em audiolivro. A criação de um roteiro para peça radiofônica”⁴⁰. Essa cartilha, inicialmente publicada em 2012 pelo Projeto Abraço à Microcefalia, com sede em Salvador, Bahia, em parceria com o *Movimento Down*, foi impressa e distribuída gratuitamente para orientar pais de crianças com a referida síndrome. O Grupo PRO.SOM foi, posteriormente, solicitado a cooperar com o projeto, passando a cartilha para gravação em audiolivro, lançado em 2017.

Mas como realizar essa transposição intermediática e passar as informações de modo agradável para não entediar o ouvinte? Afinal, quando pensamos no gênero “cartilha”, nos vêm à mente diversas informações a serem assimiladas, nem sempre comunicadas de modo leve e atraente. Decidiu-se, então, simular um programa de rádio, no qual as informações seriam passadas pelo locutor, que atenderia telefonemas das mães pedindo esclarecimentos sobre a microcefalia. No meio de publicidades de rádio e trilhas sonoras, o conteúdo informativo foi, então, transposto para uma mídia sonora de maneira lúdica e interativa.

O gênero “cartilha” seria, agora, substituído por outro, a peça radiofônica, que nasceu na década de 1920, na Europa, despontando, principalmente, na Alemanha e na Inglaterra; a BBC de Londres, inclusive, tem produzido um rico material nesse gênero. Trata-se de

[...] uma linguagem [...] nem música, nem literatura, que [...] parece inaugurar uma [...] ordem de elementos que, [...] desprezando a lógica de textos destinados a serem vistos ou lidos, abandonando a sintaxe do cinema, da televisão ou literatura, organiza um universo novo, no qual som, palavra, ruídos e silêncio ou a música, propõem, a partir de efeitos técnicos e/ou humanos, uma realidade criativa surpreendente e transformadora⁴¹.

³⁸ Op. cit., p. 01.

³⁹ VYGOTSKY, L. *Fundamentos de defectologia*. La Habana: Pueblo y Educacion, Tomo 5, 1989.

⁴⁰ PAZ, M. D. G. *A cartilha Três vivas para o bebê!!! em audiolivro. A criação de um roteiro para peça radiofônica*. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017 (em andamento).

⁴¹ SPERBER, G. B. (Org.) *Introdução à peça radiofônica*. São Paulo: EPU, 1980, p. 8.

Hoje, integra numerosos estilos e elementos acústicos [...]. Música pop, ópera, jingles, corais, hip hop, recitais, diálogos, monólogos, citações, relatos, comentários, [...] manipulações eletroacústicas, estereofônicas e técnicas. Todos esses fatores juntos permitem que uma história seja contada indiretamente, ao invés de relatada apenas com a utilização de elementos linguísticos⁴².

Tendo como proposta uma adaptação intermediática e de gênero, o dossiê genético de *Três vivas para o bebê!!!*⁴³ foi montado para contemplar essa linguagem híbrida que, com a sua dinamicidade e tantos efeitos de várias ordens, é capaz de capturar a atenção do ouvinte. A análise da construção desse roteiro desafiador, que gerou tantas versões, é o objeto de estudo da dissertação mencionada, entendendo-se que:

Escrever um roteiro é muito mais do que escrever. [...] É escrever com olhares e silêncios, com movimentos e imobilidades, com conjuntos [...] complexos de [...] sons que podem possuir mil relações entre si, que podem ser nítidos ou ambíguos [...], que podem alcançar a inteligência ou o inconsciente. [...] O romancista escreve, o roteirista trama, narra e descreve⁴⁴.

Na verdade, o estudo de roteiros é a chave mestra das adaptações, independentemente da mídia para a qual os textos sejam transpostos. Por isso, o estudo dos roteiros será privilegiado nesta amostragem. Pensando nos procedimentos metodológicos da produção de mídias sonoras, invariavelmente, estes começam com uma pesquisa do material a ser adaptado, considerando-se a temática envolvida, o autor, seus contextos histórico e cultural, além de outras traduções e adaptações existentes para as mais variadas mídias, se houver. O roteiro produzido é escrito em espaço 1,5, Times New Roman 12 e deverá ter entre 30-40 páginas, no máximo, que serão passadas para um áudio de cerca de 50 minutos ou um pouco mais.

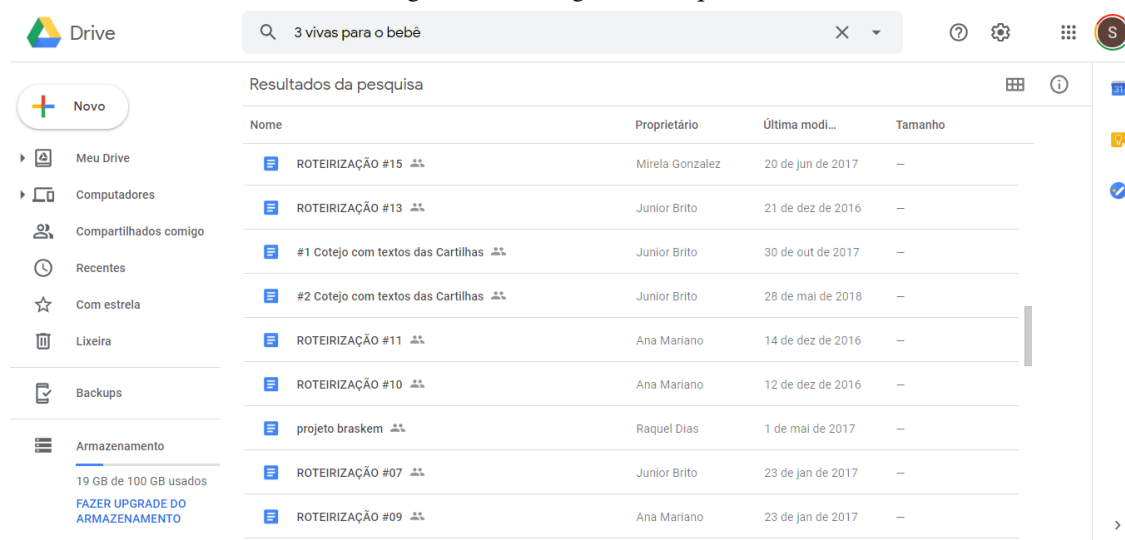
Tomando como ilustração o processo de criação do audiolivro *Três vivas para o bebê!!!*, após feita uma pesquisa sobre o assunto, o passo seguinte foi cotejar os trechos da Cartilha do Projeto Abraço, que seriam aproveitados no roteiro. O cotejo 1# foi discutido pelos integrantes do grupo com registros impressos guardados no *Google Drive* (que é o espaço virtual onde os textos são construídos e compartilhados com os integrantes da equipe), e as discussões guardadas em áudio. Esse documento, portanto, armazenado no *Google Drive*, juntamente com os demais, foi seguido pelo cotejo 2#, no qual marcações em cores diversas indicam as questões mais importantes a serem incluídas no roteiro.

⁴² HUWILER, E. *Engaging the ear*. London: Plymouth, 2010, p. 136 (tradução nossa).

⁴³ ANASTÁCIO, S. M. G. (Org.). *Três vivas para o bebê!!!* Salvador: EDUFBA, 2017.

⁴⁴ COMPARATO, D. *Da criação ao roteiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 20.

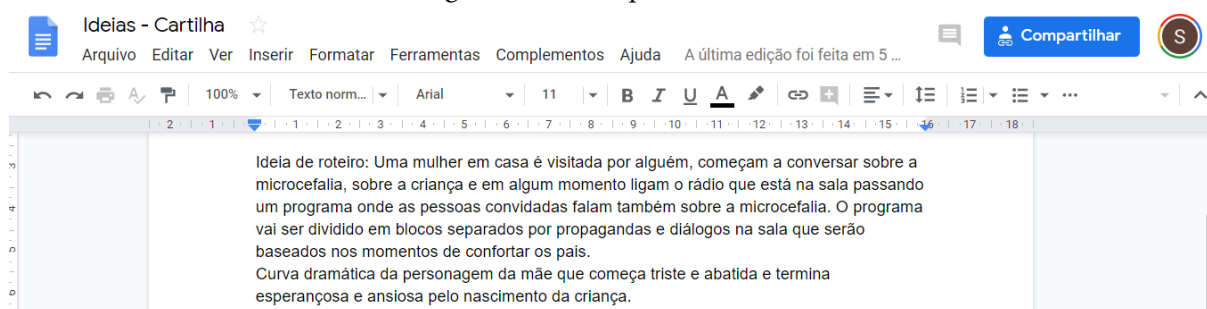
Figura 1 – Listagem de arquivos



Fonte: Dossiê PRO.SOM *Livro de receitas* (2017).

O próximo passo foi organizar as “Ideias” para a Cartilha em uma sinopse, que revela como a história se desenrolará, onde e com que personagens:

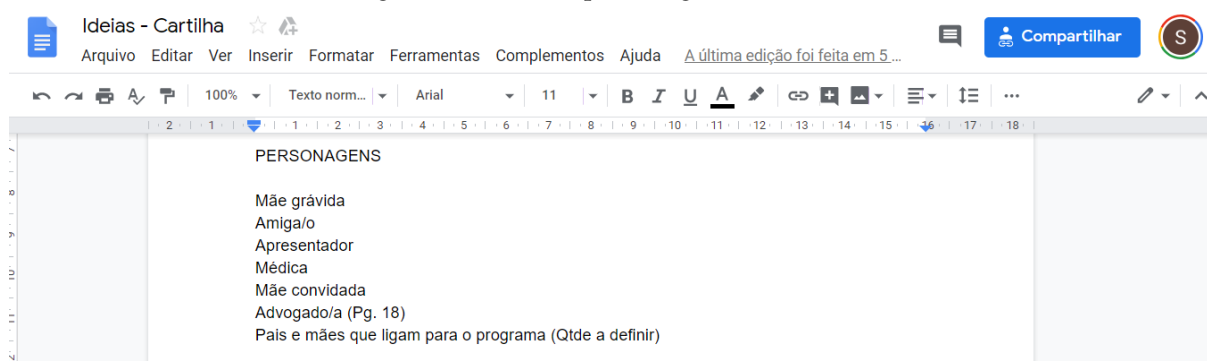
Figura 2 – Ideias para a Cartilha



Fonte: Dossiê PRO.SOM *Livro de receitas* (2017).

Uma breve lista dos personagens já é esboçada nesse momento:

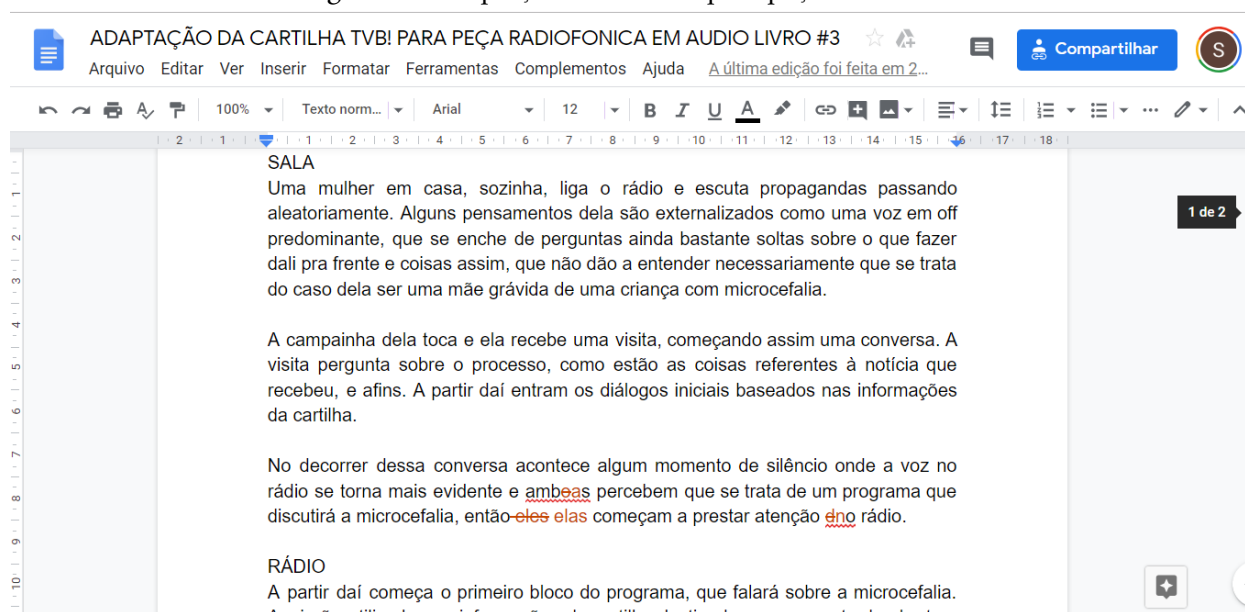
Figura 3 – Lista de personagens da Cartilha



Fonte: Dossiê PRO.SOM *Livro de receitas* (2017).

Segue uma escaleta com as ideias iniciais melhor estruturadas, em que o resumo da história começa a ser delineado em blocos distintos e delimitando o que ocorre em cada cena. Além disso, os efeitos sonoros mais importantes já são mencionados rapidamente neste momento.

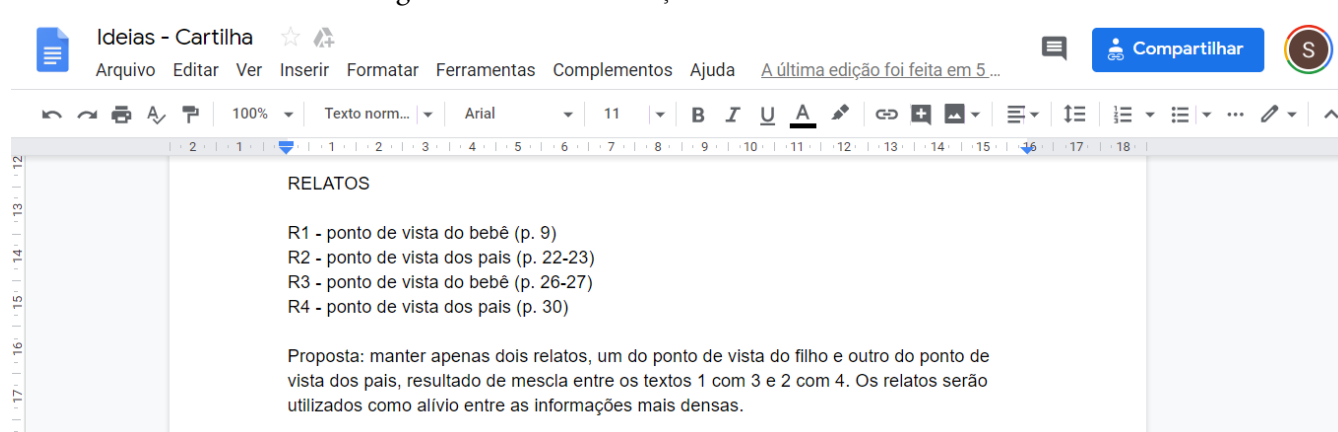
Figura 4 – Adaptação da Cartilha para peça radiofônica



Fonte: Dossiê PRO.SOM *Livro de receitas* (2017).

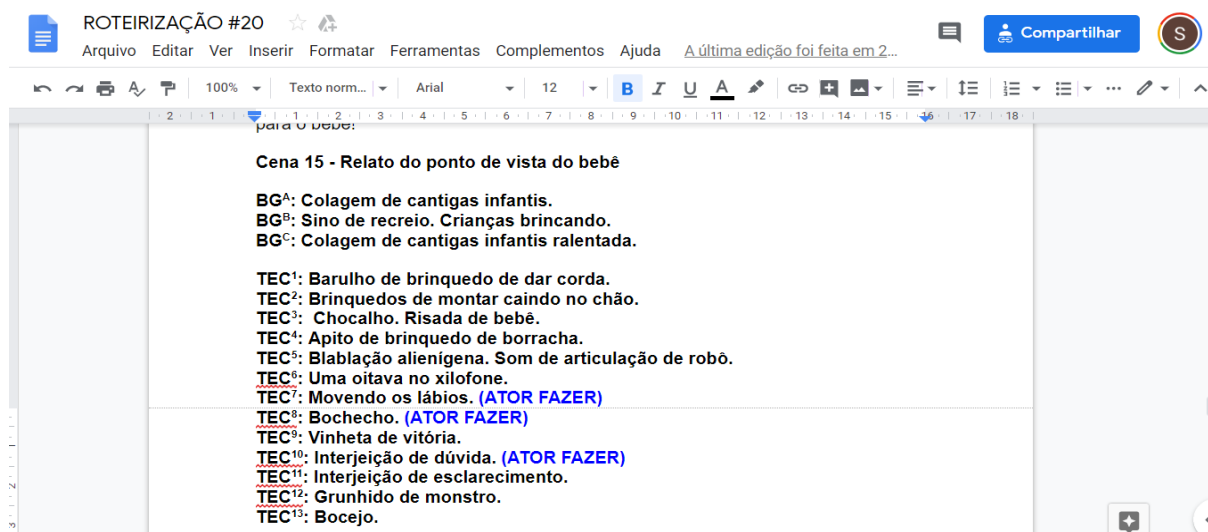
O enredo, como é possível perceber, desdobra-se em blocos semânticos que correspondem aos diferentes relatos dos personagens. Já na cartilha impressa, eles têm voz, o que inclui até o bebê, para que expresse o que está sentindo ou percebendo:

Figura 5 – Pré-roteirização: relatos da Cartilha



Fonte: Dossiê PRO.SOM *Livro de receitas* (2017).

Figura 6 – Relato do ponto de vista do bebê

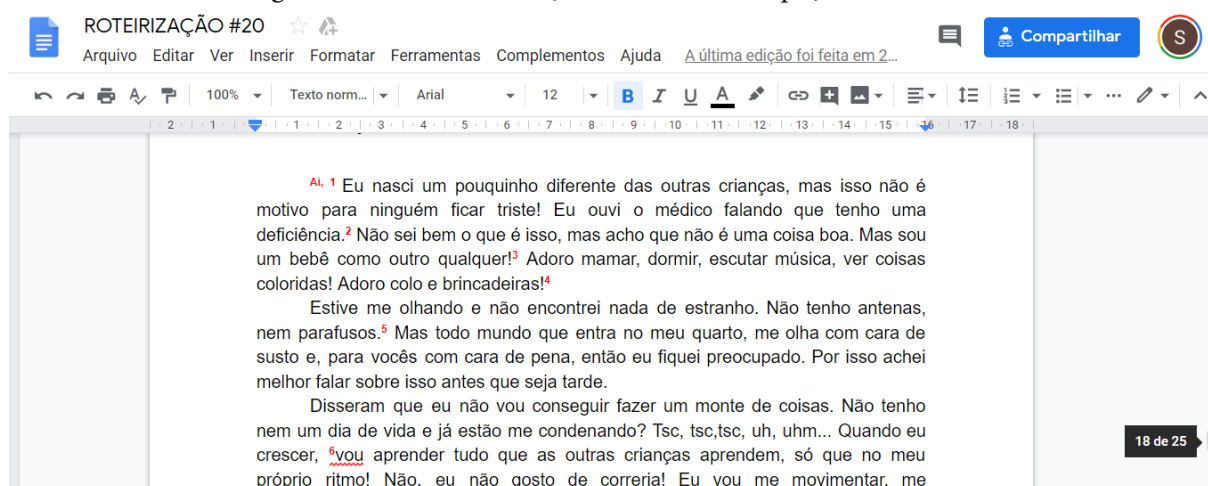


Fonte: Dossiê PRO.SOM Livro de receitas (2017).

Este é o momento de os efeitos sonoros entrarem em cena. Os TECS (*technical effects*) são sons curtos e pontuais; entram numerados, entremeando as ações e colorindo, contextualizando a cena. Já os BGs (*background sounds*) atuam como planos de fundo, dando a ambiência da cena; são mais duradouros. As marcações desses efeitos nos roteiros são feitas através de letras do alfabeto e de números cuidadosamente demarcados, inclusive, para facilitar a etapa da edição. A ilustração da entrada dos BGs se deu da seguinte forma: BG^{Ai} foi o primeiro plano de fundo da cena, sendo i de “início”; ao término da inserção, encontra-se BG^{Af}, sendo f de “fim”.

Segue um trecho do roteiro de edição em que é dada voz ao bebê e no qual podem ser observadas as marcações dos efeitos sonoros:

Figura 7 – Roteiro de edição da Cartilha em peça radiofônica



Fonte: Dossiê PRO.SOM Livro de receitas (2017).

É interessante, ainda, comparar um pequeno trecho da cartilha impressa e do texto roteirizado para áudio em que se pode perceber o desdobramento poético narrativo, presente na

estruturação do roteiro. Os efeitos sonoros, as intenções e modulações de fala têm um papel especial nessa estruturação:

Figura 8 – Cartilha *Três vivas para o bebê!!!* Guia para mães e pais de crianças com microcefalia (2016)⁴⁵

Eu nasci um pouquinho diferente das outras crianças, mas isso não é motivo para ninguém ficar triste! Eu tenho uma deficiência, mas apesar disso, eu sou um bebê como qualquer bebê! Adoro mamar, dormir, escutar música, ver coisas coloridas!
Adoro colo e brincadeiras! Quando eu crescer, vou aprender tudo que as outras crianças aprendem, só que no meu próprio ritmo!

Como é possível perceber, o texto da cartilha foi transposto para audiolivro com sutis modificações, como, por exemplo, no seguinte trecho: “<Eu ouvi o médico falando que> eu tenho uma deficiência [...]”. O efeito da frase foi maximizar a percepção auditiva do bebê, que ouviu comentários à sua volta e reage a estes *inputs*, expressando, imediatamente, suas impressões, sensações e inferências. Além disso, as cantigas de ninar entram como plano de fundo da cena, bem como sons pontuais: o brinquedo de dar corda, o chocalho, a risada do bebê, dentre outros, que contextualizam a cena com delicadeza. Neste roteiro técnico, todos os efeitos sonoros são marcados com entradas e saídas de modo a imprimir ritmo e cor à narrativa. Através dessa voz, o que dá tom a ela e chama a atenção é o discurso da esperança.

Em se tratando da construção de roteiros, o Grupo PRO.SOM tem crescido e se aprimorado muito nos últimos anos. Hoje, há o roteiro técnico, que orienta diretor e atores no momento da gravação, mas, também, posteriormente, orienta a pessoa que fará a edição. Além disso, há o roteiro de publicação, com rubricas semelhantes às dos textos dramáticos de uma peça teatral.

Os audiolivros do PRO.SOM que, inicialmente, eram publicados em suporte CD com um encarte do roteiro impresso, hoje, são lançados pela Editora da Universidade Federal da Bahia via *streaming*, e seus *links* remetem ao repositório da EDUFBA. Outra modificação que ocorreu ao longo dos anos é que os primeiros audiolivros saíam na versão interpretada pelos atores e na versão MecDaisy, conversor de texto de *Word* para voz. Este programa do Ministério da Educação, que disponibilizava uma “leitura branca” (sem efeitos sonoros e interpretação) para as pessoas com deficiência visual foi descontinuado. Atualmente, em vez dele, utiliza-se uma modalidade de PDF, que é um conversor de texto em voz. Muitas pessoas com deficiência preferem primeiro ouvir a “leitura branca” para terem a oportunidade de construir suas próprias imagens mentais sem serem influenciadas pelas interpretações dos atores.

Finalmente, concebemos algumas reflexões sobre os últimos audiolivros, que acabam de ser finalizados e estão prontos para ir à editora. São dois audiolivros com receitas culinárias para pessoas com deficiência visual; eles próprios escreveram e testaram as respectivas receitas, adicionando-lhes histórias pitorescas com um toque de humor. O grupo que participou é composto de alunos do CAP (Centro de Apoio ao Deficiente), que funciona em Salvador. Através do canal acústico, em que vozes e toda a sorte de ruídos se articulam para produzir efeitos sensoriais potentes, essas pessoas dizem ter conseguido imaginar o som, que os teria levado a ver, ouvir, sentir, tocar e cheirar alimentos saborosos, que foram sonorizados com a ajuda de recursos técnicos.

Acreditamos que, certamente, é sábia a frase de Vygotsky a qual afirma que “A palavra vence a cegueira. [...] A superação da deficiência através de sua compensação social [ocorre] através da incorporação da experiência dos videntes”⁴⁶. Podemos concluir, portanto, que é claro que há muitas maneiras de ver o mundo; sendo o canal acústico multimodal, ele nos permite “viajar” no som, “ver” e perceber os *inputs* das maneiras mais variadas. Assim, fica aqui um tom de esperança. Afinal, vamos aproveitar o que podemos ter e não lamentar o que não conseguimos atingir.

Convém incluir, nesse momento, uma experiência quanto à capacidade que tem o audiolivro de envolver os ouvintes e que corrobora com o argumento que desenvolvemos neste artigo:

Um estudo divulgado [...] pela University College London (UCL) em colaboração com a Audible, empresa sueca de audiolivros, descobriu que os audiolivros são mais envolventes emocionalmente do que cinema ou TV. [...] o “leitor” de audiolivros consegue se emocionar mais com a adaptação em áudio de um romance do que o equivalente no Netflix.

O estudo [...] explica que as pessoas experimentam reações fisiológicas aumentadas, com respostas mais fortes do coração e do cérebro, quando ouvem audiolivros. Para isso, os cientistas mediram as reações físicas (frequência cardíaca, temperatura corporal e atividade eletrodérmica) de 102 indivíduos com idade entre 18 e 67 anos, quando ouviam audiolivros e quando assistiam cenas de livros, como *A guerra dos tronos*, *A garota no trem*, *Orgulho e preconceito*, *O silêncio dos inocentes*, *O código Da Vinci*, *O cão dos Baskervilles* e *Alien*.

O curioso é que quando terminavam o estudo clínico, os participantes passavam por uma entrevista. [...] boa parte [...] dizia que o suporte audiovisual era mais envolvente. No entanto, as reações corporais mostravam exatamente o contrário. A frequência cardíaca e a temperatura corporal aumentaram enquanto ouviam o livro.

Ao *The Guardian*, Joseph Devlin, principal pesquisador do projeto, disse: “[...] uma das nossas previsões era que ouvir um livro seria um trabalho mais rico do ponto de vista cognitivo porque você, como ouvinte, está envolvido na cocriação da história, usando a sua imaginação. Você está ouvindo a história, mas mentalmente, está fazendo todo o trabalho. Ao passo que, quando você está assistindo, é uma experiência mais passiva [...]”.⁴⁷

Considerando a característica multimodal do canal acústico, podemos pensá-lo como um meio poderoso para levar o ouvinte a imaginar o som como um ator sedutor, que dança no palco da mente. A título de ilustração, observaremos parte do processo de criação de uma receita culinária apresentada por pessoas com deficiência visual e transposta para uma mídia sonora: a

⁴⁶ Op. cit., p. 82.

⁴⁷ Publishnews. Neurocientistas comprovam que audiolivros são mais envolventes do que cinema ou TV. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/06/28/neurocientistas-comprovam-que-audiolivros-sao-mais-envolventes-do-que-cinema-ou-tv>. Acesso em: 08 jan. 2018.

receita de um pé de moleque roteirizada de modo a suscitar no ouvinte impressões sensoriais diversas através desse potente canal acústico.

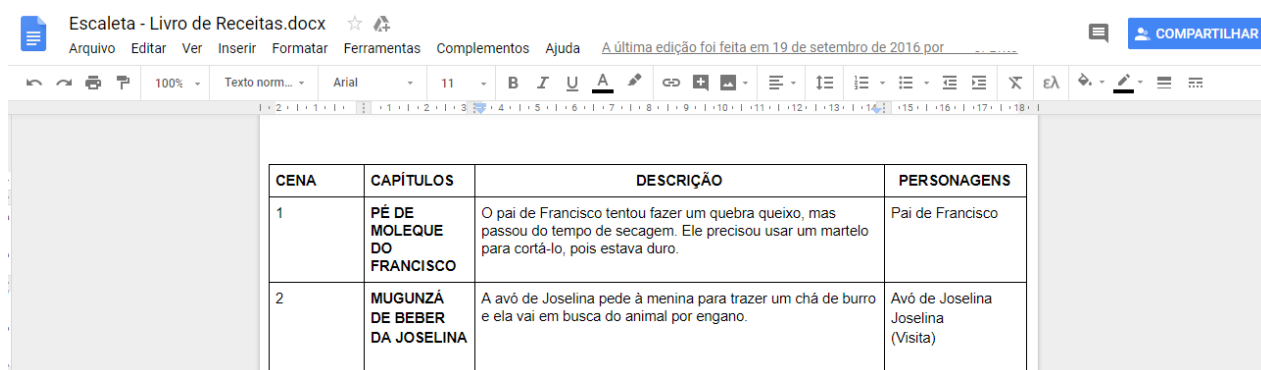
Para ajudar o Sr. Francisco, que trouxe a receita do pé de moleque, a organizar suas ideias, a professora de Atividade para a Vida Autônoma do CAP gravou um vídeo em que ele explicava todo o processo da feitura de seu doce. Então, ao percebermos a necessidade de conscientizar o Sr. Francisco sobre a inserção de efeitos sonoros em sua história (já que o relato seria transposto para um audiolivro), integrantes do PRO.SOM, coordenados por bolsistas da Escola de Teatro, ministraram oficinas de sensibilização ao grupo do CAP, que acabou entendendo o que se esperava de cada um, ou seja, suplementar seus enredos com efeitos sonoros. Como é possível notar a seguir, a elaboração da trama, o conflito, os personagens, a ação dramática, o tempo dramático e a unidade são elementos que vieram com a própria história. Sr. Francisco contou, através de um vídeo, a sua história, que foi, então, resumida pelo roteirista:

PÉ DE MOLEQUE DO FRANCISCO

Quando Francisco era criança, seu pai, que gostava de fazer merendas para os filhos, tentou fazer um quebra-queixo. Ao tirar o doce do fogo e colocá-lo sobre uma mesa forrada com folha de bananeira, ele percebeu que o doce havia passado do ponto de secagem e não poderia ser cortado com uma faca comum, pois estava muito duro. Ele decidiu usar um martelo que espalhava pedaços do doce a cada pancada. Segundo Francisco, caso a mesa fosse feita de aglomerado ou granito, diferente da sua, que era de madeira, seu pai teria que escolher entre partir o doce ou não quebrar a mesa.⁴⁸

A próxima etapa do roteiro foi organizar a escaleta, seguida de onze versões de roteiro. Todos os arquivos, novamente, foram armazenados no *Google Drive*:

Figura 9 – Escaleta do *Livro de receitas*



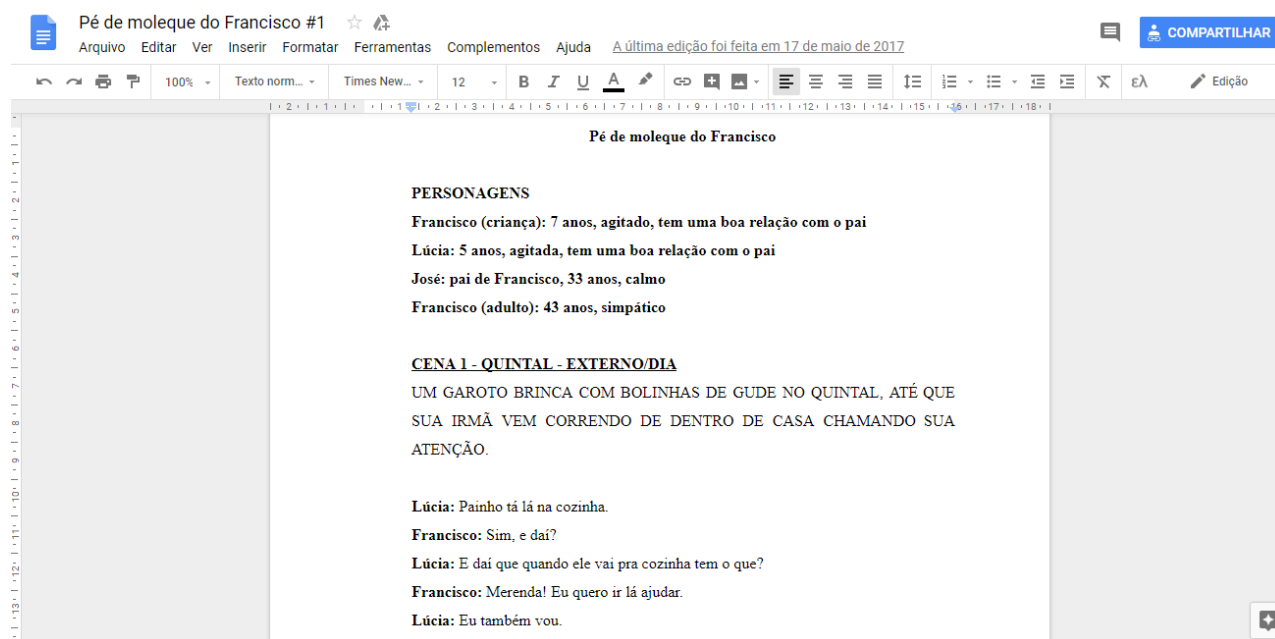
CENA	CAPÍTULOS	DESCRIÇÃO	PERSONAGENS
1	PÉ DE MOLEQUE DO FRANCISCO	O pai de Francisco tentou fazer um quebra queixo, mas passou do tempo de secagem. Ele precisou usar um martelo para cortá-lo, pois estava duro.	Pai de Francisco
2	MUGUNZÁ DE BEBER DA JOSELINA	A avó de Joselina pede à menina para trazer um chá de burro e ela vai em busca do animal por engano.	Avó de Joselina Joselina (Visita)

Fonte: Dossiê PRO.SOM *Livro de receitas* (2017).

A escritura da cena começa a se delinear:

⁴⁸ Trecho do resumo do *Livro de receitas – Pé de moleque do Francisco*. Dossiê PRO.SOM *Livro de Receitas* (2017).

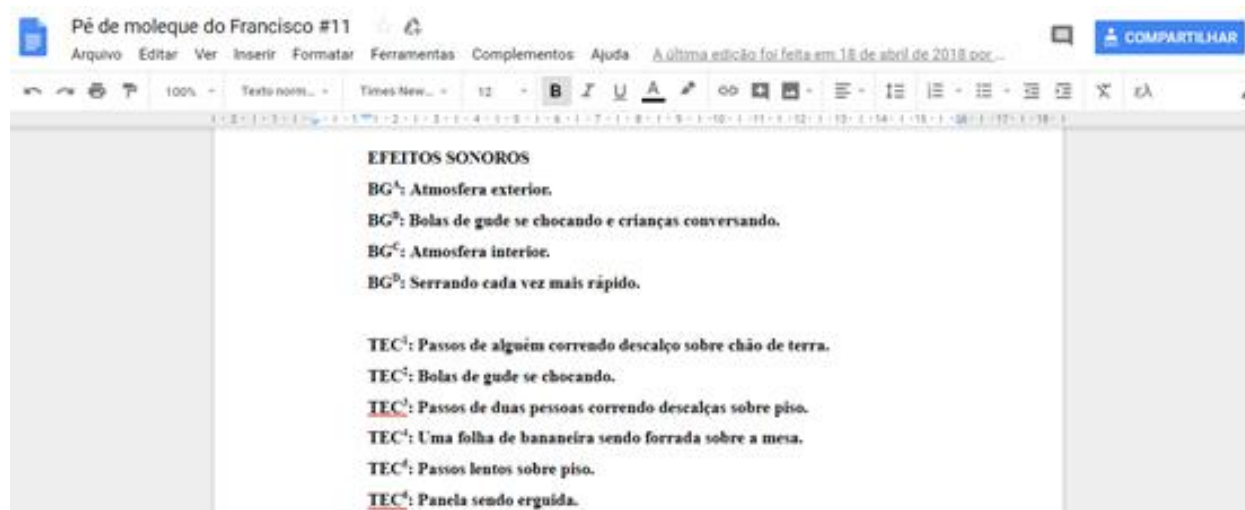
Figura 10 – Trecho do roteiro técnico de *Livro de receitas* – Pé de moleque do Franciso



Fonte: Dossiê PRO.SOM *Livro de receitas* (2017).

Os efeitos sonoros são pesquisados e numerados:

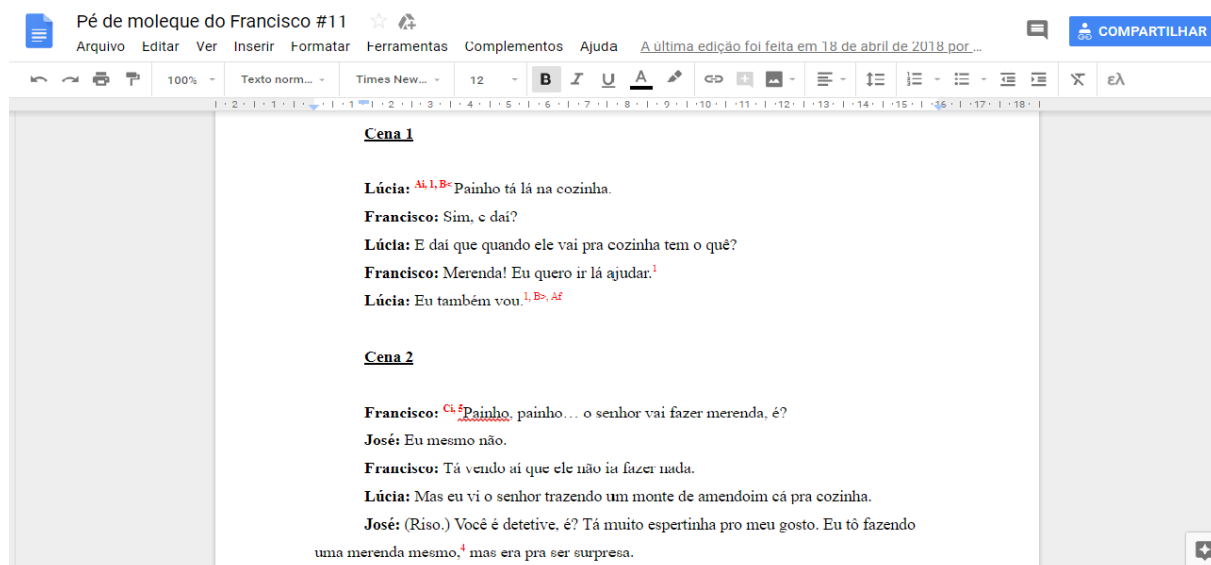
Figura 11 – Trecho da versão 11 do *Livro de receitas*



Fonte: Dossiê PRO.SOM *Livro de receitas* (2017).

Nesse momento, os efeitos sonoros começam a ser inseridos no roteiro técnico:

Figura 12 – Trecho da versão 11 do *Livro de receitas*



Fonte: Dossiê PRO.SOM *Livro de receitas* (2017).

É no roteiro que as intenções de fala, as modulações de voz, os tons, enfim, toda a atmosfera da narrativa se delinea. Seguindo o quadro semiótico de Elleström⁴⁹, o referido texto do audiolivro de receitas pode ser assim classificado:

QUANTO AO MATERIAL UTILIZADO: ondas sonoras;

QUANTO AOS SENTIDOS SUSCITADOS: sonoro (barulho para quebrar o doce), visual (as imagens do doce, das crianças brincando lá fora), tátil (temperatura e consistência do doce), gustativo (crianças já saboreiam a merenda e o ouvinte também reativa sua memória gustativa que tem do pé-de-moleque);

QUANTO AO ESPAÇO TEMPORAL: em casa, na cozinha e no período da infância;

QUANTO ÀS MODALIDADES SEMIÓTICAS:

- ICÔNICAS: impressões via BGs, TECs, modulações de voz, sotaque nordestino de Sr. Francisco, que foi respeitado pelo ator da gravação do áudio (o nome desse audiolivro é: Sabor e som: causos contados de receitas nordestinas);

- INDEXICAIS: índices das ações referidas na história, como espalhar doce na mesa, colocar para esfriar na folha de bananeira, etc.;

- SIMBÓLICAS: interpretações, conclusões, representações, mediações (“foi fagulha de doce para todo lado”: imagem que personagem ouviu ou formou pela sua habilidade cognitiva, já que se trata de uma criança cega; logo, temos a palavra mediando a cena; conclusão: “se fosse hoje, ele tinha que escolher entre o doce e a mesa”; crítica à sociedade descartável de hoje).

QUANTO AO ASPECTO CONTEXTUAL:

- OPERACIONAL: meio rádio, Programa de áudio PRO.TOOLS;

- QUALITATIVO: sotaque nordestino (respeito ao Outro) – como o sotaque de Francisco era forte, decidimos mantê-lo na gravação:

- o léxico: PAINHO, MERENDA (modo de falar nordestino);

⁴⁹ ELLESTRÖM, L. Media, modalities and modes. In: _____ (Ed.) *Media borders, multimodalities and intermediality*. Londres: MacMillan, 2010. p. 36.

- o intertextual: como os atores tinham visto um episódio de *Os Simpsons* antes da gravação e gostado do tom das vozes, esse tom acabou ecoando na gravação;
- a estética do rádio: gênero peça radiofônica.

Logo, há todo um jogo de signos envolvido nessa trama semiótica para produzir mediações, impressões sensoriais diversas, observando-se, inclusive, o sotaque nordestino dos agentes produtores desta e das outras histórias roteirizadas.

Considerações finais

Como é possível perceber, o estudo de processos de criação, privilegiando a inclusão de pessoas com deficiência visual, auditiva, física e intelectual, tem sido um aspecto relevante da Crítica Genética Inclusiva praticada na UFBA. Muitas formas de tradução audiovisual e/ou multimodais também têm sido alvo de investigação ao gerar documentos de processo, em sua maioria de natureza digital, considerando-se que os programas utilizados permitem manipulações técnicas diversas. Para dar conta desta ampla gama de trabalhos desenvolvidos, tem-se privilegiado uma abordagem transdisciplinar em que as várias áreas do conhecimento dialogam entre si, como: as pesquisas genéticas aliadas aos estudos de tradução nas suas mais amplas formas, de roteirização, estética radiofônica, semiótica, conhecimentos técnicos de gravação, editoração e masterização, dentre outros.

As interpretações nas diversas modalidades de estudos de processo com os quais o Grupo PRO.SOM tem trabalhado levam em conta aspectos funcionais, culturais e históricos, que contextualizam a obra de partida, bem como o polo receptor. Nesse mundo digital por onde transita a grande maioria dos processos investigados, a autoria colaborativa e compartilhada dos integrantes do referido grupo, o trabalho em rede e o uso da tecnologia assistiva voltam-se para uma política em que o direito à informação e ao conhecimento, às artes, à literatura precisam ser respeitados e atendidos.

Referências

- ALVES, M. A cega e a negra. Uma fábula. In: RIBEIRO, E.; BARBOSA, M.T. (Org.). *Cadernos negros. Três décadas: ensaios, poemas, contos*. São Paulo: Quilombhoje. Secretaria Especial de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial, 2008, p. 223-226.
- ANASTÁCIO, S. M. G. (Org.). *Três vivas para o bebê!!!* Salvador: EDUFBA, 2017.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BIASI, P. de. *A genética dos textos*. Tradução de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BISHOP, E. In the village. In: _____. *Questions of travel*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1965.
- BISHOP, E. *Na Vila*. Tradução de Sílvia Anastácio, Sandra Corrêa e Andréa Gomes. Salvador: EDUFBA, 2011.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011 [1988], p. 169-191.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa*. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- CLÜVER, C. Intermedialidade. In. *Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes*, v. 1, p. 8-23, 2008.

- COMPAGNON, A. **O trabalho da citação**. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996.
- COMPARATO, D. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 22.
- CRASSON, A. Arquivos de manuscritos literários: a contribuição do digital para a edição e a pesquisa científica. In: ANASTÁCIO, S. M. G. (et al.) (Org.). **Processo de criação interartes: cinema, teatro e edições eletrônicas**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2014.
- DIAS, R. B. **O processo de criação da peça Um Porto para Elizabeth Bishop**. 135f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- DÍAZ-CINTAS, J. Audiovisual Translation Today: a question of accessibility for all. **Translating Today**, v. 4, p. 3-5, jul. Disponível em: https://www.academia.edu/22558399/2005_-_Audiovisual_translation_today_a_question_of_accessibility_for_all. Acesso em: 19 maio 2019.
- ELLESTRÖM, L. Media, modalities and modes. In: _____ (Ed.). **Media borders, multimodalities and intermediality**. Londres: MacMillan, 2010.
- FRANCO, E.; ARAÚJO, V. Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual (TAV). **Tradução em revista**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.
- FRANCO, E. **Voiced-over television documentaries: terminological and conceptual issues for their research**. *Target*, v. 13:2, p. 289-304. Disponível em: <https://benjamins.com/online/target/articles/target.13.2.05fra>. Acesso em: 19 maio 2019.
- GAMBIER, Y; GOTTLIEB, H. (Org.). **(Multi) Media translation concepts, practices and research**. Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- GÓES, S. R. **Legendando Raccoon & Crawfish: proposta de estudo do processo criativo de uma legendagem fílmica e de edição genética**. 128f. + 1 DVD. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- GÓES, S. R. **Estudo do processo criativo da tradução e interpretação em janela de Libras da animação fílmica Raccoon & Crawfish: percorrendo caminhos digitais**. 280f. + 1 DVD. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- HUWILER, E. **Engaging the ear**. London: Plymouth, 2010, p. 136.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- MACIEL, L. C. **O poder do clímax: Fundamentos do roteiro de cinema e TV**. São Paulo: Giostri, 2017.
- MARTÍN, M. B.; BUENO, S. T. (Coord.). **Deficiência Visual: Aspectos Psicoevolutivos e Educativos**. Trad. Magali de Lourdes Pedro. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2003.
- MOTA, M. O Paradigma Contemporâneo do Estado Democrático de Direito: Pós Positivismo e Judicialização da Política. **Revista Quaestio Iuris**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 286-309, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/quaestioiuris/article/view/987>. Acesso em: 31 dez. 2018.
- PARENTE, A. (Org.). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- PAZ, M. D. G. **A cartilha Três vivas para o bebê!!! em audiolivro**. A criação de um roteiro para peça radiofônica. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017 (em andamento).
- Publishnews. **Neurocientistas comprovam que audiolivros são mais envolventes do que cinema ou TV**. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/06/28/neurocientistas-comprovam-que-audiolivros-sao-mais-envolventes-do-que-cinema-ou-tv>. Acesso em: 08 jan. 2018.

- SALLES, C. **Redes da criação**. São Paulo: Horizonte, 2008.
- SANTAELLA, L. Epistemologia Semiótica. *Cognitio*. In: **Revista de Filosofia**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 93-110, 2008.
- SANTOS, A. P. **Recriação da identidade do cego congênito a partir da percepção das cores**. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018 (em andamento).
- SEGER, L. **A arte da adaptação**. São Paulo: Bossa Nova Editora, 2007.
- SOARES, M. **O que é letramento e alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SPERBER, G. B. (Org.) **Introdução à peça radiofônica**. São Paulo: EPU, 1980, p. 8.
- TRÊS vivas para o bebê!!! Guia para mães e pais de crianças com microcefalia**. Rio de Janeiro: Cadernos Movimento Down, 2016.
- TURECK, L. T. Z. **Criação de um audiolivro e a temática da acessibilidade**. 192f. + 4 DVD-ROM + 1 CD-ROM. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Teoria e Crítica da Literatura e da Cultura. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- TURECK, L. T. Z.; Rosa, G.; ANASTÁCIO, S. (Org.) **Uma luz na escuridão**. Salvador: EDUFBA, 2011.
- VYGOTSKY, L. **Fundamentos de defectologia**. La Habana, Pueblo y Educacion, Tomo 5, 1989.
- WELLS, H. G. A terra dos cegos. In: TURECK, L. T. Z.; ROSA, G.; ANASTÁCIO, S. (Org.) **Uma luz na escuridão**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 19-61.

Recebido em: 16 de janeiro de 2019

Aceito em: 08 de maio de 2019